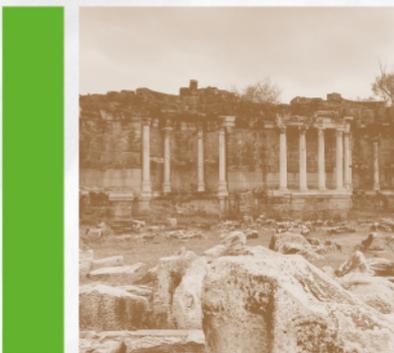


MENO KALISHER

GÁLATAS



chamada



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site

loja.chamada.com.br

GÁLATÁS

MENO KALISHER

GÁLATAS

TRADUÇÃO
ENRICO PASQUINI

2ª EDIÇÃO
2022



chamada

Freedom in Christ

By Meno Kalisher

Copyright © 2013 Jerusalem Assembly – House of Redemption

www.jerusalemassembly.com

Todos os direitos reservados para os países de língua portuguesa.

Copyright © 2013, 2022 por Chamada

2ª Edição – Outubro/2022

É proibida a reprodução desta obra em quaisquer meios sem a expressa permissão da editora, salvo para breves citações com a indicação da fonte.

Editor: *Sebastian Steiger*

Tradução: *Enrico Pasquini*

Preparação: *Débora Steiger*

Revisão: *Josemar de Souza Pinto*

Capa e projeto gráfico: *Filipe Spitzer Landrino e*

Rômulo Spier do Nascimento

Salvo indicação em contrário, todas as passagens da Escritura foram extraídas do texto bíblico da Nova Almeida Atualizada, NAA © Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. Usado com permissão. www.sbb.org.br

Obra Missionária Chamada da Meia-Noite

Rua Erechim, 978 – Bairro Nonoai

CEP: 90830-000 – Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3241-5050

www.chamada.com.br

pedidos@chamada.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial - Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

-
- K14 Kalisher, Meno.
Gálatas / Meno Kalisher ; tradução Enrico Pasquini. — 2. ed. — Porto Alegre : Chamada, 2022.
320 p. ; 21 cm.
"Título original: Freedom in Christ".
Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-89505-25-9
1. Bíblia. N.T. Gálatas – Crítica, interpretação, etc. 2. Bíblia. N.T. Gálatas – Comentários.
 3. Bíblia – Compêndios. 4. Bíblia – Estudo e ensino. I. Pasquini, Enrico. II. Título.

CDD23: 227.407

*À minha esposa Anat, amada e fiel, minha
auxiliadora, que demonstra com sua vida que “judeu é
aquele que o é interiormente, e circuncisão é a do coração,
pelo Espírito, não segundo a letra, e cujo louvor não
procede de seres humanos, mas de Deus” (Rm 2.29).*

SUMÁRIO

Introdução.....	9
1. Um verdadeiro apóstolo do verdadeiro evangelho (1.1-24)....	27
2. Vários apóstolos, um evangelho (2.1-21)	73
3. O tutor, a promessa e a fé de Abraão (3.1-29)	115
4. A adoção como filhos (4.1-31)	161
5. Liberdade em Cristo (5.1-26)	199
6. A lei de Cristo e a nova criatura (6.1-18)	245
Apêndice 1: Por que Deus escolheu o povo de Israel e com que propósito?	267
Apêndice 2: O significado judaico de “Torá” (Lei)	279
Apêndice 3: Perguntas frequentes	293
Bibliografia	299
Índice de textos bíblicos	301

INTRODUÇÃO

O nascimento da igreja cristã

Atos 2 descreve o nascimento da primeira igreja cristã. Antes de Cristo subir aos céus, ele ordenou que seus discípulos permanecessem em Jerusalém até que o Espírito Santo descesse sobre eles, pois eles seriam então capacitados a servi-lo:

“Mas vocês receberão poder, ao descer sobre vocês o Espírito Santo, e serão minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até os confins da terra.” (At 1.8)

Durante a festa de Pentecostes, dez dias após receber o comissionamento final de Cristo (At 1.3), os crentes (todos eles judeus) foram reunidos em Jerusalém. Uma vez que o Pentecostes (hebraico, *Shavuot*) é uma das três festividades bíblicas de peregrinação, a cidade se encontrava cheia de visitantes (Dt 16.16-17), judeus que haviam viajado até o templo, vindos de todo o Israel e da Diáspora.

De repente, o Espírito Santo desceu sobre um grupo de crentes em Cristo, e eles começaram a falar no idioma dos visitantes do mundo inteiro. Aqueles que os ouviram “estavam atônitos e se admiravam, dizendo: ‘Vejam! Não são galileus todos esses que aí estão falando? Então como os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna? Somos partos, medos, elamitas e os naturais da Mesopotâ-

mia, Judeia, Capadócia, Ponto e Ásia, da Frígia, da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia, nas imediações de Cirene, e romanos que aqui residem, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes. Como os ouvimos falar sobre as grandezas de Deus em nossas próprias línguas?” (At 2.7-11).

Esse evento sobrenatural deu a Simão Pedro a oportunidade para proclamar o evangelho de Cristo à multidão que havia testemunhado o milagre. A pregação do evangelho feita pelo apóstolo não atingiu ouvidos surdos. Os corações estavam prontos, e naquele mesmo dia três mil pessoas foram salvas e batizadas.¹ Nos dias seguintes, muitos outros judeus foram salvos (At 4.4; 5.14; 6.7).

De Jerusalém... para a Galácia

Ao final das festividades, os peregrinos retornaram a seus países, dentre eles vários cristãos. Esses judeus proclamaram o evangelho de Jesus Cristo entre seus familiares e em suas sinagogas. Os gentios tementes a Deus que ouviram o evangelho da salvação também se juntaram às congregações de crentes em Cristo.

Em seu início, a igreja era composta de uma maioria de judeus que observavam a Lei,² isto é, os mandamentos contidos nos cinco livros de Moisés. Eles compreenderam que

1 Havia locais de *mikvahs* (banhos rituais) próximos ao templo, perto da Porta do Monturo e dos portões de Hulda, de forma que era possível batizar muitas pessoas num curto espaço de tempo.

2 As expressões “Lei” ou “Lei Mosaica”, sempre que usadas neste livro, fazem referência apenas à lei escrita nos primeiros cinco livros da Bíblia, não à lei oral, que continua a ser escrita pelos rabis ao longo da história.

Jesus era o Messias prometido na Bíblia hebraica (o Antigo Testamento), que havia vindo para expiar os pecados deles. Eles não se viam “mudando de religião” ou abandonando seu povo, mas como judeus que observavam a Lei e obedeciam sinceramente a Palavra de Deus.

Àquela altura, eles ainda não haviam se dado conta de um fato importante: na morte de Cristo, todos os mandamentos contidos na Lei que eram símbolos e prefigurações do caráter e da obra do Messias haviam sido cumpridos. Embora não estivessem mais sujeitas à autoridade desses mandamentos, as primeiras igrejas mantiveram seu caráter religioso judaico e continuaram observando todas as ordenanças da Lei Moisaica (At 21.20; Gl 3.23-25; 4.10-11; Cl 2.16-17).

À medida que os discípulos de Jesus aumentavam consideravelmente, a ordem judaica começou a persegui-los, numa tentativa de conter o avanço do evangelho (At 9). Mas acabou acontecendo exatamente o contrário do que almejavam os perseguidores: muitos cristãos fugiram de Jerusalém para outros países no Oriente Médio e na região do Mediterrâneo, espalhando o evangelho, por meio de seu testemunho, para ainda mais longe entre judeus e gentios. Os novos cristãos se juntavam às congregações existentes ou davam início a novas congregações.

Por causa da demografia nos países distantes de Israel, as novas igrejas estavam repletas de uma maioria de gentios salvos. Essas pessoas não tinham qualquer contexto judaico e chegaram até a introduzir tradições e costumes estranhos na igreja. Consequentemente, o caráter religioso judaico da igreja foi diluído. Os gentios salvos não abandonaram

imediatamente seu passado idólatra e suas práticas inadequadas. Precisamos ter em mente que, em várias situações, eles eram os únicos crentes de suas famílias e viviam sob a influência de um ambiente idólatra. Como era de esperar, estilos de vida e hábitos que eram ofensivos aos judeus crentes começaram a se infiltrar nas igrejas.

À luz da nova realidade que ameaçava o caráter judaico da igreja, as seguintes perguntas surgiram: o que poderia ser feito para preservar a natureza judaica da igreja? O gentio que crê em Cristo está sujeito à autoridade de toda a Lei Mosaica, mesmo depois de a nova aliança ter se tornado realidade? Será que o gentio precisa se converter ao judaísmo, ser circuncidado e observar toda a Lei Mosaica para ser salvo?

Salvação é somente pela graça

O apóstolo Paulo viajou extensamente pelos territórios da Ásia Menor e da Grécia. Por onde passava, ele ensinava o evangelho da salvação e fundava igrejas (veja as viagens de Paulo a partir de At 13). Inspirado pelo Espírito Santo, ele ensinou a verdade a respeito (1) da messianidade e da divindade de Jesus Cristo e (2) da expiação obtida pela morte sacrificial de Cristo por nós e em nosso lugar.

Paulo ensinou que a salvação, tanto do judeu quanto do gentio, baseia-se – e sempre se baseou – na fé em Deus como Salvador, e não dependia da observância perfeita dos mandamentos, uma vez que ninguém é capaz de obedecer a todos os mandamentos da Lei de Deus de maneira perfeita:

“Porque pela graça vocês são salvos, mediante a fé; e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas.” (Ef 2.8-10)

Paulo não estava atacando os mandamentos da Lei, jamais! Ele estava explicando qual era o propósito deles – que eles jamais foram destinados para salvar, mas para (1) definir o que é pecado e (2) apontar para o Salvador e Redentor que expia o pecado (Gl 3.23-25; 4).

Isso é confirmado por dois fatos. Primeiro, pessoas como Noé e Abraão foram chamadas de justas aos olhos de Deus muitos anos antes de a Lei ter sido apresentada, enquanto ainda eram incircuncisas. Segundo, mesmo *após* a Lei Moisaica ter sido entregue, o profeta Habacuque disse: “... mas o justo viverá pela sua fé” (Hc 2.4).

Os falsos mestres

Na carta aos Gálatas, Paulo confronta o fenômeno dos “falsos mestres”.³ Estamos falando de judeus que se passavam por crentes em Cristo Jesus, mas que mantinham sua crença de que todos os mandamentos de Moisés ainda estavam em vigor. Já que enxergavam a igreja como apenas um novo ramo do judaísmo, eles ensinavam que todo gentio que cria

3 O apóstolo Paulo não se refere a esses falsos mestres como irmãos que estavam errados, mas como inimigos de Deus (Gl 1.8).

em Cristo precisava ser circuncidado e se tornar um judeu para ser salvo. Eles não criam em Jesus como Deus e não compreendiam o significado da nova aliança, selada pelo sangue de Jesus na cruz.

Tais falsos mestres tentaram “corrigir” a compreensão e o estilo de vida dos crentes gentios de uma forma que os desviava da verdade de Deus, conforme ensinada pelas Escrituras. A prioridade deles era manter o caráter judaico da igreja, apegando-se a tradições e costumes antigos, em vez de perseverarem em oração e em submissão a Cristo, procurando levar os crentes a uma maturidade maior e à semelhança com Cristo.

Tais falsos mestres se infiltraram nas igrejas da Galácia com a intenção de “corrigir os ensinamentos equivocados de Paulo”. Na mente deles, os ensinamentos do apóstolo ameaçavam destruir a natureza judaica da igreja.

Para influenciar o coração dos crentes, eles alegavam que:

1. Paulo não tinha a qualificação necessária para ser chamado de apóstolo, portanto não ensinava com autoridade divina.
2. Contrário ao ensinamento paulino de que a Lei Moisaica não precisava mais ser obedecida, é proibido *não* observar a Lei! De acordo com os falsos mestres, a falha em observar a Lei privaria os crentes judeus do único meio que tinham para preservar o caráter judaico e a identidade nacional. Se falhassem em observar a Lei, eles se tornariam cada vez mais como os gentios. Eles migrariam gradativamente para um

estilo de vida depravado de idolatria, e o resultado final seria a assimilação completa.

O apóstolo sabia o que os falsos mestres estavam fazendo, uma vez que o veneno mortal da influência deles já estava ficando evidente nas igrejas da Galácia. Paulo ficou espantado com a rapidez com a qual os crentes da Galácia adotaram essas ideias erradas (1.6), embora ele mesmo lhes tivesse ensinado a verdade com fidelidade e cuidado, e eles haviam testemunhado os milagres e sinais do poder de Deus que acompanhavam seus ensinamentos:

“Ó gálatas insensatos! Quem foi que os enfeitiçou? Não foi diante dos olhos de vocês que Jesus Cristo foi exposto como crucificado? Quero apenas saber isto: vocês receberam o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé? Será que vocês são tão insensatos que, tendo começado no Espírito, agora querem se aperfeiçoar na carne? Será que vocês sofreram tantas coisas em vão? Se é que, na verdade, foram em vão. Aquele que lhes concede o Espírito e que opera milagres entre vocês, será que ele o faz pelas obras da lei ou pela pregação da fé?” (Gl 3.1-5)

A mensagem dos falsos mestres era destrutiva. Paulo a chamou de “outro evangelho” (1.6-9) e alertou os crentes de que qualquer um que adotasse esse tal evangelho seria cortado da graça de Cristo (para uma explicação detalhada, veja o comentário sobre Gl 5.4). “Outro evangelho” significa um “evangelho” que é incapaz de salvar. Qualquer

que o seguir está destinado à perdição. Paulo sabia que não podia se calar diante de um perigo assim.

Autoria de Gálatas

A carta começa identificando Paulo como seu autor: “Paulo, apóstolo – não da parte de pessoas, nem por meio de homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai, que o ressuscitou dos mortos” (1.1). No capítulo 2, Paulo acrescenta sua autobiografia e detalha seu serviço para o Senhor Jesus. No capítulo 5, versículo 2, ele escreve novamente: “Eu, Paulo, lhes digo”, de maneira que os leitores não tivessem qualquer dúvida a respeito da identidade do autor da carta. O estilo da carta é peculiar a Paulo (e é especialmente semelhante à carta aos Romanos, que possui o mesmo tipo de conteúdo que Gálatas). Além disso, os primeiros pais da igreja que viveram nos primeiros séculos d.C. – como Clemente de Roma, Policarpo, Barnabé, Hermas e Inácio – também indicam Paulo como o autor da carta aos Gálatas.

Paulo, cujo nome hebraico era Saulo, era um judeu da tribo de Benjamim. Nasceu em Tarso (atual Turquia), uma cidade na região da Cilícia, próxima da Galácia, o que o fez cidadão romano por nascimento (At 22.27-28; Fp 3.4-6). Foi educado em Jerusalém aos pés de Gamaliel, em todas as minúcias da Lei, incluindo a tradição e a lei oral. Pertencia aos fariseus e era zeloso quanto a Deus (At 22.3). Paulo conta a respeito de si mesmo: “E, na minha nação, quanto ao judaísmo, levava vantagem sobre muitos da minha

idade, sendo extremamente zeloso das tradições dos meus pais” (Gl 1.14).

Paulo perseguiu os crentes em Jesus e causou estragos sérios na igreja. Acreditava que crer em Jesus era heresia e considerava como seu dever religioso silenciar, aprisionar e até mesmo matar qualquer pessoa que alegasse que Jesus era o Messias. Ele confessa: “E foi exatamente o que fiz em Jerusalém. Havendo eu recebido autorização dos principais sacerdotes, encerrei muitos dos santos na prisão; e, quando os condenavam à morte, eu dava o meu voto contra eles. Muitas vezes, os castiguei por todas as sinagogas, obrigando-os até a blasfemar. E, demasiadamente enfurecido contra eles, eu os perseguia até em cidades estrangeiras” (At 26.10-11).

Motivado por uma profunda convicção religiosa, entregou-se de corpo e alma ao serviço de Deus, com a intenção de “purificar” seu povo dos hereges que criam que Jesus era o Messias prometido, Senhor e Salvador deles. Ele ia de casa em casa, arrastando homens e mulheres para a prisão. Por causa de seu zelo na perseguição aos crentes, muitos fugiram para outros países (At 8.1-4).

Paulo recebeu autorização do sumo sacerdote para prender judeus crentes em Cristo até mesmo fora dos limites territoriais de Israel e trazê-los para serem julgados em Jerusalém. Em Gálatas 1.13, Paulo escreve: “Porque vocês ouviram qual foi, no passado, o meu modo de agir no judaísmo, como, de forma violenta, eu perseguia a igreja de Deus e procurava destruí-la”.

A caminho de Damasco, Síria, com esse alvo em mente, sua vida deu uma guinada de 180 graus: Jesus Cristo –

em toda a sua glória divina – revelou-se ao perseguidor dos crentes. Paulo ficou temporariamente cego, e um discípulo, cujo nome era Ananias, foi enviado para curá-lo. O Messias revelou a Ananias, por meio de uma visão, o propósito para o qual havia escolhido Paulo: “Vá, porque este é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome diante dos gentios e reis, bem como diante dos filhos de Israel” (At 9.15).

Tal encontro pessoal com o Messias foi o início do trabalho de Paulo como mensageiro de Cristo e do evangelho, e em pouco tempo ele se tornou o mais famoso dos apóstolos.

O apostolado de Paulo foi conferido a ele pelo próprio Senhor Jesus. Todos os outros apóstolos o reconheceram como um deles e a seus ensinamentos como Palavra do Senhor. Em Gálatas 2.6-10, ele descreve a recepção que teve dos apóstolos e líderes da igreja em Jerusalém (veja tb. 1Tm 1.12):

“E, quanto àqueles que pareciam ser alguma coisa – o que eles foram, no passado, não me interessa; Deus não aceita a aparência do homem –, esses, digo, que pareciam ser de maior influência, nada me acrescentaram. Pelo contrário, quando viram que me havia sido confiado o evangelho da incircuncisão, assim como a Pedro foi confiado o evangelho da circuncisão – pois aquele que operou eficazmente em Pedro para o apostolado da circuncisão também operou eficazmente em mim para com os gentios – e, quando reconheceram a graça que me foi dada, Tiago, Cefas e João, que eram reputados

colunas, estenderam a mim e a Barnabé a mão direita da comunhão, a fim de que nós fôssemos para os gentios e eles fossem para a circuncisão. Somente recomendaram que nos lembrássemos dos pobres, o que também me esforcei por fazer.”

Paulo experimentou um encontro face a face com Cristo, como os demais apóstolos. Paulo não ouviu simplesmente falar de Cristo por parte de outras pessoas. Tal fato o motivou a dedicar sua vida como “sacrifício vivo, santo e agradável a Deus” (Rm 12.1), chegando a dizer: “Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. E esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (Gl 2.19b-20; veja Fp 3.7-11).

Destinatários da carta

Nos primeiros versículos da carta, o apóstolo afirma que está escrevendo “às igrejas da Galácia” (1.2). Onde fica esse lugar e quem eram os gálatas que compunham essas igrejas?

No século III a.C., uma grande região que se estendia do norte ao centro da atual Turquia era conhecida como Galácia. Essa região foi colonizada pelos gauleses, que haviam migrado da região onde hoje se encontra a França. As cidades principais eram Ancira (hoje Ancara, capital da Turquia), Pessino (hoje uma pequena vila chamada Balihisar) e Távio (hoje uma vila chamada Büyüknefes). Em 25 a.C., a Galácia tornou-se uma província romana.

Outros territórios foram anexados ao sul, incluindo as cidades de Antioquia (centro-sul da Turquia, atual cidade de Yalvaç), Icônio (cidade turca de Konya), Listra e Derbe (ambas atualmente desabitadas).

Uma vez que as descrições das viagens missionárias de Paulo mencionam apenas as cidades da Galácia do Sul, não as cidades da Galácia do Norte, podemos pressupor que ele estava agora escrevendo para as igrejas que havia fundado durante sua primeira viagem, em Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe (veja a primeira viagem missionária de Paulo em At 13–14; mapa na p. 70). A principal rota ocidental passava por Tarso (cidade natal de Paulo) até as cidades da Galácia do Sul.

Comparado ao Norte, o Sul era densamente habitado, possuindo, portanto, uma população judaica maior. Quanto mais ao norte se vai, menos indícios há de comunidades judaicas nesse período. Conseqüentemente, parece que as igrejas se localizavam na Galácia do Sul, e foi nessas igrejas que os falsos mestres escolheram se infiltrar. O ensino nocivo deles era direcionado primariamente às congregações mistas de crentes judeus e gentios, e nenhuma delas se encontrava no norte.

Data da carta

Nenhuma data da escrita é mencionada na carta, mas os eventos que Paulo menciona podem nos ajudar a determinar um período aproximado.



No capítulo 2, Paulo escreve sobre sua visita a Jerusalém junto com Barnabé e Tito. Será que está se referindo ao concílio dos líderes e apóstolos em Jerusalém descrito em Atos 15? Aparentemente não, uma vez que ele não cita as conclusões e decisões tomadas durante aquele encontro – algo que teria silenciado imediatamente seus opositores. Ele deve ter tido em mente sua visita anterior a Jerusalém, mencionada em Atos 11.30.

O propósito daquela visita foi levar uma contribuição financeira aos necessitados, algo que foi angariado entre os anos 45 e 46 d.C. Com base nisso, podemos concluir que a carta aos Gálatas foi escrita pouco depois disso.

Quem eram os falsos mestres (falsos irmãos)?

Os falsos mestres, também chamados de judaizantes ou legalistas, eram judeus que, por um lado, alegavam crer na obra expiatória de Jesus, o Messias; por outro lado, criam e ensinavam que a salvação só poderia ser obtida por meio da observância da Lei Mosaica.

Ou seja:

- Eles não defendiam a salvação somente pela fé.
- Eles não criam que a morte de Jesus, o Messias, era o início de uma nova aliança que traria um fim à aliança do Sinai (Jr 31.31-33).
- Eles se opunham à crença de que todas as ordenanças da Lei Mosaica, que eram tipos e símbolos que apontavam para o caráter e a obra do Messias, haviam sido cumpridas na vinda, morte e ressurreição de Je-

sus – e que agora estavam obsoletas e não exerciam qualquer autoridade sobre os cristãos salvos.

À luz disso, eles ensinavam que:

- Para ser salvo, um gentio que cria em Cristo precisava se converter ao judaísmo, passar pela circuncisão e colocar-se debaixo da autoridade da Lei Mosaica;
- Um judeu que era salvo precisava continuar observando toda a Lei Mosaica, tal como fazia antes de crer em Jesus (i.e., se colocar sob o domínio dos mandamentos que já não se encontravam em vigor).

Esses falsos mestres se infiltraram nas igrejas por todo o Império Romano com a intenção de se opor ao evangelho de Cristo, conforme ensinado por Paulo, e seduzir o coração dos crentes (veja tb. At 15.1-2).

Para alcançar seus objetivos, os falsos mestres procuravam minar a autoridade de Paulo como apóstolo, transmitiam “outro evangelho” que glorificava a sua raiz judaica (1.6) e ensinavam que a doutrina paulina conduzia a um estilo de vida decadente.

Paulo, por outro lado, prova em sua carta que:

- Ele foi escolhido para ser apóstolo pelo próprio Jesus Cristo.
- As ordenanças da Lei Mosaica jamais objetivaram salvar; pelo contrário, procuravam identificar o pecado, ensinar o homem acerca de sua completa dependência da graça de Deus e direcioná-lo ao seu Salvador. As pessoas sempre foram salvas pela graça,

mediante a fé. Noé e Abraão foram justificados antes que a Lei fosse outorgada (Gn 6.9; 15.6), e, muitos anos depois de a Lei ter sido apresentada, o profeta Habacuque ainda mantinha o mesmo princípio, dizendo que “o justo viverá pela sua fé” (Hc 2.4).

- A fé em Jesus como nosso Senhor e único Salvador jamais conduzirá o cristão a uma vida de decadência. Pelo contrário, a pessoa salva nasce de novo, por meio do Espírito Santo. Ela se torna uma “nova criatura” (6.15). O Espírito Santo confere ao cristão as características de Cristo (5.22-23) e, por meio delas, ele usa os dons do Espírito (qualificações e capacitações dadas ao homem por Deus, com as quais ele serve à igreja).
- Em tudo que diz respeito à salvação, não há qualquer diferença entre judeu e gentio, ou entre homem e mulher (3.26-29). Embora todos os redimidos sejam iguais aos olhos de Deus, eles são diferentes entre si no serviço dentro do corpo de Cristo, a igreja.⁴

DESCRIÇÕES DOS FALSOS MESTRES E SUA INFLUÊNCIA

Estão perturbando	1.7; 5.10,12
Querem perverter o evangelho de Cristo	1.7
Procuram agradar pessoas	1.10
Não são servos de Cristo	1.10

⁴ O fato de que existe igualdade na igreja entre os redimidos não minimiza, de forma alguma, o lugar especial do povo de Israel no plano de Deus. Paulo expõe esse assunto com mais detalhes em Romanos 9–11.

Falsos irmãos	2.4
Infiltraram-se para espreitar a liberdade que temos em Cristo Jesus	2.4
Desejam nos reduzir à escravidão	2.4
Enfeitiçadores	3.1
Zelosos por vocês, mas não pelo bem	4.17
Querem afastá-los de Deus e voltá-los para eles mesmos	4.17
Separaram-se de Cristo e caíram da graça de Deus	5.4
Vangloriosos	5.26
Provocam e invejam uns aos outros	5.26
Semeiam para a sua própria carne	6.8
Querem ostentar-se na carne	6.12
Pervertem o evangelho para não serem perseguidos	6.12
Querem se gloriar na carne de vocês	6.13

Propósito e tema geral de Gálatas

O propósito da carta aos Gálatas é: alertar os crentes da igreja na Galácia, de forma firme e rigorosa, de não se submeterem aos ensinamentos dos falsos mestres que ensinavam um “outro evangelho”. Qualquer um que os seguisse corria o risco de perder sua liberdade em Cristo. O evangelho falso desses mestres era algo sem vida e completamente dependente do sucesso do esforço humano. Paulo disse aos crentes da Galácia que os tratassem de forma condizente

com o que de fato eram – falsos mestres – e que os excluíssem, de acordo com Mateus 18.15-20 (Gl 1.6-9).

O tema geral da carta é: a salvação é somente por meio da graça de Deus, mediante a fé em Jesus Cristo como Senhor e Salvador.

Os textos-chave da carta são:

“Pois todos os que são das obras da lei estão debaixo de maldição, porque está escrito: ‘Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da Lei, para praticá-las.’ E é evidente que, pela lei, ninguém é justificado diante de Deus, porque ‘o justo viverá pela fé’.” (3.10-11)

“Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Por isso, permaneçam firmes e não se submetam, de novo, a jugo de escravidão.” (5.1)

Considerando seus assuntos principais, a carta pode ser dividida da seguinte forma: questões pessoais (caps. 1-2); o ensino dos fundamentos da fé (caps. 3-4); e aplicação (caps. 5-6).

1. UM VERDADEIRO APÓSTOLO DO VERDADEIRO EVANGELHO

Gálatas 1.1-24

Um apóstolo por meio de Jesus Cristo (1.1-2)

1.1-2 Paulo, apóstolo – não da parte de pessoas, nem por meio de homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai, que o ressuscitou dos mortos –, e todos os irmãos que estão comigo, às igrejas da Galácia.

Em suas cartas às outras igrejas, Paulo inicia com um elogio aos leitores por causa de suas obras e sua perseverança na fé. Mas não há aqui qualquer expressão de elogio aos gálatas.

O problema central contra o qual Paulo está lutando torna-se evidente já nos primeiros cinco versículos.

Os falsos mestres haviam minado a autoridade de Paulo como apóstolo aos olhos dos crentes. Consequentemente, eles conseguiram desviar os crentes das instruções que haviam recebido de Paulo no passado. Ele se vê forçado a iniciar sua carta com uma firmeza quase intimidadora: “Sou um apóstolo escolhido diretamente pelo Senhor!”.

A partir da escolha de palavras de Paulo, aprendemos o que ele crê ser a maneira correta de se designar um apóstolo a serviço do Messias. Ele diz que não foi escolhido por homens, mas pelo próprio Senhor.

Como foi exatamente que isso aconteceu na prática?

Jesus escolheu pessoalmente seus doze discípulos, que, mais tarde, vieram a ser chamados “apóstolos”, incluindo Judas Iscariotes. Depois que Jesus foi preso e sentenciado à morte pelos líderes do povo, Judas tirou sua própria vida, enforcando-se (Mt 27.5).

Quando Jesus apareceu aos discípulos após a sua ressurreição, ele ordenou que permanecessem em Jerusalém *até que recebessem o Espírito Santo* (At 1.4-8).

No entanto, enquanto eles ainda esperavam pelo cumprimento da promessa do Espírito Santo, Pedro propôs a eleição de um novo apóstolo para substituir Judas. Um grupo de aproximadamente 120 pessoas – entre elas todos os outros apóstolos – concordou com a ideia, e então seguiu-se um processo de seleção que envolveu três etapas:

1. O grupo concordou com alguns critérios lógicos que determinaram quem era, a princípio, elegível (At 1.21-22).
2. Dois candidatos que se encaixavam nos critérios foram escolhidos (“... José, chamado Barsabás, também conhecido como Justo, e Matias”, At 1.23).
3. Foi feito um sorteio para a escolha entre os dois (At 1.26).

Até onde os 120 crentes e os apóstolos sabiam, lançar sortes era uma maneira segura de chegar à escolha correta, uma vez que “para fazer um sorteio são lançados os dados, mas toda decisão procede do SENHOR” (Pv 16.33; veja At 1.24-25). Mas será que esse procedimento deu a Deus a opção de dizer: “Não escolhi nenhum dos dois?”. Isso não sabemos.

Embora possa não ter existido qualquer mácula que desqualificasse aqueles dois candidatos, o fato é que o momento era inadequado para tal eleição. Os crentes decidiram escolher um apóstolo antes que o Espírito Santo prometido tivesse vindo. Ainda que a escolha deles pareça perfeitamente sensata, foi uma iniciativa meramente humana, não necessariamente um ato de Deus.⁵

A decisão de Cristo de que seus apóstolos seriam em número de doze é válida eternamente. Aprendemos isso de Apocalipse 21.14, quando a nova Jerusalém, a cidade eterna de Deus, é descrita nas seguintes palavras: “A muralha da cidade tinha doze fundamentos, e sobre estes estavam os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro”.⁶

Se Paulo foi, de fato, escolhido como apóstolo “por Jesus Cristo e por Deus Pai”, então não existirá qualquer pedra fundamental na nova Jerusalém com o nome de Matias.

Assim, quando Paulo se apresenta como “apóstolo – não da parte de pessoas, nem por meio de homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai”, suas palavras constituem uma crítica ao processo pelo qual Judas Iscariotes foi substituído, numa época em que o poder do Espírito Santo não havia ainda habitado os onze apóstolos. Por outro lado, Paulo havia sido pessoalmente escolhido pelo Senhor, precisamente da mesma maneira que os outros onze apóstolos originais.

5 Se tal escolha viesse de Deus, Jesus não teria adicionado Paulo pessoalmente – que agora é, por assim dizer, o 13º apóstolo.

6 Não é coincidência o fato de esse versículo enfatizar o número “doze” três vezes.

QUEM PODERIA CONFIRMAR O TESTEMUNHO DE PAULO?

1. Ananias de Damasco (At 9.7-22): em Atos 22.12-16, Ananias testemunha que Paulo havia, de fato, “visto” Cristo, “ouvido” sua voz e sido comissionado por ele para ser uma “testemunha dele diante de todos”: “O Deus de nossos pais escolheu você [Paulo] de antemão para conhecer a vontade dele, ver o Justo e ouvir a voz dele. Porque você terá de ser testemunha dele diante de todos, anunciando as coisas que você tem visto e ouvido” (At 22.14b-15).

2. As pessoas que acompanharam Paulo em sua viagem para Damasco (At 9.7-22; 26.12-15).

3. Os outros apóstolos (At 15; Gl 2.8-9): todos os outros apóstolos estavam de acordo com ele. Barnabé, Simão Pedro e os anciãos da igreja em Jerusalém – alguns deles eram apóstolos – encorajaram Paulo em seu ministério e aceitaram sua autoridade como apóstolo escolhido por Cristo (Gl 2.8-9). Mesmo depois que o apóstolo Pedro foi severamente repreendido por Paulo (Gl 2.14), ele aceitou suas palavras e encorajou outros crentes a obedecerem ao que estava escrito nas cartas paulinas. Pedro colocou essas cartas no mesmo nível das “demais Escrituras”, que é outra maneira de dizer: *os escritos de Paulo são Palavra de Deus* (2Pe 3.14-16).

O título “apóstolo” (grego, *apostolos*, “enviado”) referia-se inicialmente a um homem que fosse enviado para representar os interesses do império. Ele tinha autorização para falar em nome daqueles que o haviam enviado e declarar a vontade deles.

Os apóstolos de Jesus receberam esse nome porque foram enviados para proclamar o evangelho. Para esse propósito, Jesus conferiu a eles sua autoridade plena. Em outras palavras: o ensinamento dos apóstolos é a Palavra de Deus, que precisa ser obedecida por todas as pessoas. Os apóstolos chegaram a receber habilidades e poderes sobrenaturais como confirmação de que a mensagem que pre-



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site

loja.chamada.com.br

QUAL É A RELAÇÃO DO CRISTÃO COM A LEI MOSAICA?

Após sua primeira viagem missionária, Paulo precisou lidar com falsos ensinamentos que estavam se infiltrando rapidamente nas igrejas recém-formadas por ele e Barnabé na região da Galácia. Tais ensinamentos deturpavam a relação do cristão com as leis veterotestamentárias, apresentando um “outro evangelho” (Gl 1.6).

Diante da seriedade do assunto e da possibilidade de um desvio real por parte da igreja, Paulo escreve aquela que é sua primeira carta preservada nas Escrituras. Nela, Paulo defende sua apostolicidade e pregação, que não era “mensagem humana” (Gl 1.11).

Algumas das perguntas respondidas ao longo da carta continuam assolando cristãos no mundo inteiro. Estamos obrigados a observar os mandamentos do Antigo Testamento? Por que continuamos seguindo certos mandamentos, mas outros não? O que significa termos “liberdade” em Cristo?

Neste comentário, Meno Kalisher procura explicar – versículo a versículo – as respostas, soluções e orientações oferecidas pelo apóstolo Paulo aos gálatas, ao mesmo tempo buscando aplicar as verdades da Palavra de Deus à nossa vida diária.

ISBN 978-65-89505-25-9



9 786589 505259